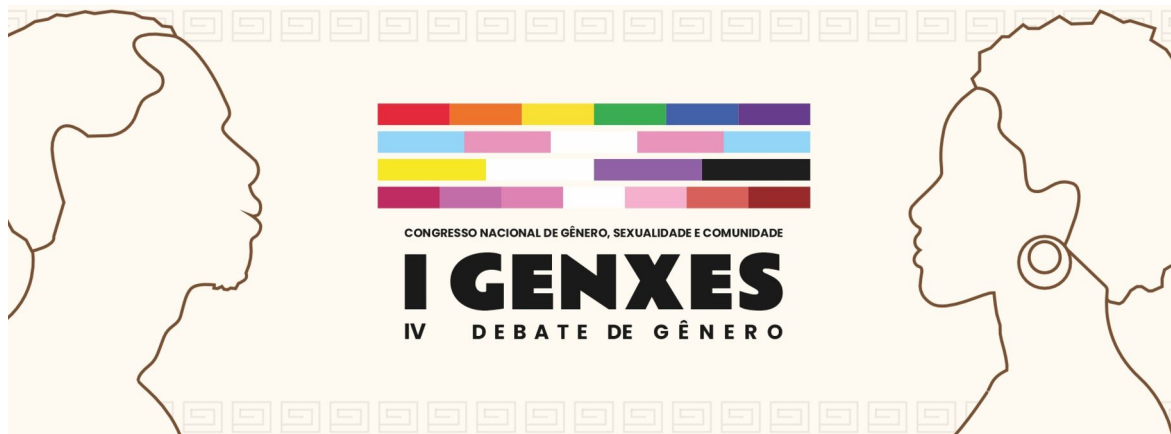




“ESQUERDISTA E HOMOSSEXUAL”: OS EXPURGOS DO PROFESSOR GERD BORNHEIM, A DITADURA MILITAR E A MEMÓRIA

Eixo Comunitário: 2. História das Relações de Gênero e Sexualidades

Jaime Valim Mansan
Departamento de História - URCA
jaime.mansan@urca.br

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a trajetória do filósofo e professor Gerd Alberto Bornheim (1929-2002), enfocando a vigilância, delação, perseguição, LGBTQIAPN+fobia e repressão que sofreu durante a Ditadura Militar. Em 1969, foi expurgado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), resultando em seu exílio na França e na Alemanha. Discuto ainda seu possível primeiro expurgo da UFRGS em 1961, supostamente motivado por sua orientação sexual, além de sua trajetória após 1979 e a construção de uma memória coletiva sobre ele, permeada por diferentes perspectivas e silenciamentos. Essa análise parte da atualização de minha pesquisa de mestrado, que subsidiou a publicação do livro *Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores durante a Ditadura Militar* (2023). Bornheim foi um dos 40 docentes da UFRGS atingidos pela repressão, que se utilizou de preconceitos, como a LGBTQIAPN+fobia, para justificar ações repressivas. A pesquisa teve início na graduação em História na UFRGS (2004-2006) e se aprofundou no mestrado na PUCRS (2007-2009), utilizando 42 entrevistas temáticas semiestruturadas com professores, estudantes e familiares, além de documentos repressivos (SNI, DOPS, Forças Armadas), registros do MEC e da UFRGS, publicações e jornais. Embora a pesquisa tenha gerado resultados expressivos, como o suporte a ações reparatórias e a ampliação de investigações sobre o tema no RS, ainda há lacunas na análise da interseção entre fatores políticos e de gênero/sexualidade nas práticas repressivas. Esta comunicação busca contribuir para esse debate “a contrapelo” (Benjamin), explorando as múltiplas violências que Bornheim enfrentou antes, durante e depois da Ditadura. Para tanto, utilizo os conceitos de controle social (Cohen), vigilância (Foucault) e repressão (Aróstegui), considerando que ele foi identificado como “esquerdista” por colegas e órgãos de vigilância. A LGBTQIAPN+fobia é abordada como um conjunto de discriminações e violências baseadas na cisheteronormatividade, que incluem exclusão social e agressões físicas e simbólicas (Bourdieu). Butler (1990) e Rich (1980) ajudam a compreender as bases culturais dessas discriminações, enquanto Louro (2004) e Facchini (2005) analisam como normas de gênero e sexualidade influenciam processos de inclusão/exclusão, inclusive no meio educacional/universitário. Para a construção da memória coletiva sobre Bornheim, recorro a Halbwachs (1990), que destaca a dimensão social da lembrança. A metodologia baseia-se em



Rüsen (2010), Le Goff (1999) e Halbwachs (1990), além das reflexões sobre fontes orais de Thompson (1992), Joutard (1998), Alberti (1989) e Vilanova (1998). As entrevistas temáticas semiestruturadas seguiram Lüdke e André (1986), e as fontes foram organizadas em seis grupos: administrativas, repressivas, orais/relatos de memória, legislação e periódicos. Esse estudo deriva de uma pesquisa financiada pela CAPES entre 2007 e 2009.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+fobia; repressão; silenciamentos; memória; Ditadura Militar.